

Quem está aproveitando o “Momento COVID-19?”

Uma batalha pelo poder na América Latina*

CADETE JAMES LANDY, ACADEMIA DA FORÇA AÉREA DOS ESTADOS UNIDOS
DRA. KELLY SENTER S PIAZZA, PHD
ACADEMIA DA FORÇA AÉREA DOS ESTADOS UNIDOS

Introdução

De acordo com a *Estratégia de Defesa Nacional* de 2018 dos Estados Unidos, “O desafio central para a prosperidade e segurança dos Estados Unidos é o ressurgimento da competição estratégica de longo prazo. Está cada vez mais claro que a China e a Rússia querem moldar um mundo consistente com seu modelo autoritário, ganhando autoridade de veto sobre as decisões econômicas, diplomáticas e de segurança de outras nações.”¹ Uma das maneiras mais evidentes pelas quais a China perseguiu seu objetivo de moldar a ordem mundial contemporânea é por meio da coerção econômica e da “economia predatória”. De acordo com o Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, a reputação da China por praticar “economia predatória” decorre, em grande parte, de seu financiamento de projetos de infraestrutura de grande escala em países em desenvolvimento que muitas vezes são incapazes de pagar a dívida.² Além disso, a China fez incursões globais por meio de transferência forçada de tecnologia e roubo de propriedade intelectual, ambos os quais têm efeitos negativos sobre a concorrência de mercado.³ Em suma, por meio de empréstimos financeiros, investimentos econômicos e relações comerciais, a China tem se esforçado para aumentar seu poder (*soft e hard power*) globalmente, enquanto adquire os insumos necessários para seus ambiciosos projetos de desenvolvimento.

O documento de defesa nacional da China, o *Livro Branco*, identifica a América Latina como uma região de interesse estratégico devido aos seus abundantes recursos naturais (cruciais para a economia em rápido crescimento da China) e devido à crescente influência internacional da China.⁴ Por meio de investimentos comerciais e financeiros, a China atuou de acordo com os interesses descritos no *Livro Branco* e desenvolveu avanços estratégicos impressionantes na região da

*As opiniões expressas neste documento são exclusivamente dos autores e de forma alguma representam as opiniões, padrões ou política da Academia da Força Aérea dos Estados Unidos ou do governo dos Estados Unidos.

América Latina. Um estudo de 2020 do Serviço de Pesquisa do Congresso coloca esses ganhos em perspectiva, afirmando que “o comércio total China-América Latina aumentou de US\$ 17 bilhões em 2002 para quase US\$ 315 bilhões em 2019” e “os bancos chineses (Banco de Desenvolvimento da China e Banco de Exportação e Importação da China) tornaram-se os maiores credores da América Latina.”⁵ De 2005 a 2019, os bancos chineses emprestaram às nações da América Latina e do Caribe mais de US\$ 62 bilhões, incluindo quase US\$ 30 bilhões somente para o Brasil.⁶ Embora manobras calculadas indubitavelmente sejam a base dos “sucessos” recentes da China, a tendência contemporânea dos Estados Unidos de não envolvimento na América Latina permitiu a presença crescente da China na região.

Nos últimos anos, os Estados Unidos perderam seu antigo status sem paralelo na região da América Latina. O recente foco estratégico dos Estados Unidos nos assuntos do Oriente Médio e Pacífico Asiático reduziu a assistência externa e ampliou a hostilidade aberta de seus vizinhos do sul com a retirada norte-americana do acordo comercial da Parceria Transpacífica (que poderia ter aumentado os laços econômicos com Chile, México e Peru), alimentando a narrativa do desligamento dos Estados Unidos na América Latina.⁷ Alguns especulam que esse desligamento motivou novos atores, como a China, a se envolver com a região.⁸ Embora não sejam mais sem paralelo, os Estados Unidos continuam sendo um parceiro econômico crítico para muitos dos países da região e um importante contribuinte de assistência externa. Em 2018, os Estados Unidos responderam por 43,04% de todas as exportações da América Latina e Caribe e 32,02% de todas as importações da região.⁹ Esses números superam a participação de exportação da China de 12,33% e a participação um pouco mais significativa de importação de 18,94%.¹⁰ De acordo com Ellis, a protelação da penetração chinesa na região e manutenção das relações comerciais inter-hemisféricas duradouras são vitais para a segurança dos Estados Unidos de forma ampla.¹¹

Momentos de crise podem oferecer a grandes potências, como China e Estados Unidos, oportunidades de revisitarem as políticas externas e as relações econômicas projetadas em busca de segurança, noção que Ilan Kelman designou como “diplomacia do desastre”.¹² Ao revisitarem as orientações de segurança global, os países têm oportunidades de determinar se devem consolidar as políticas de status quo ou mudar o curso, contando com o “desastre” como um catalisador para a mudança nas relações entre Estados.¹³ Com totais globais de mais de 69,3 milhões de casos e 1.500.000 mortes relatadas em 10 de dezembro de 2020, a pandemia de coronavírus de 2019–2020 sem dúvida se qualifica como um desses momentos de crise, pronta para motivar as grandes potências a visitar as políticas externas e orientações de segurança existentes.¹⁴ Portanto, essa pandemia pode fornecer à China e aos Estados Unidos uma oportunidade de rever os esforços para fortalecer

sua presença econômica e perspectivas de segurança na região da América Latina. Pepe Zhang, do Conselho do Atlântico, afirma que esses dois países estão fazendo exatamente isso: “Cada vez mais, a região latino-americana está presa neste clima geopolítico onde tudo é caracterizado pela tensão Estados Unidos - China. Acho que a ajuda em relação à COVID-19 é uma área que também está se politizando”.¹⁵

Neste artigo, avaliamos de forma preliminar, se os Estados Unidos e a China “aproveitaram o momento” no pico da primeira onda da pandemia na América Latina para consolidar ou atualizar suas políticas externas para a região da América Latina. Especificamente, perguntamos: a China e os Estados Unidos se capitalizaram na crise iniciada com a pandemia global para fornecer apoio contínuo aos países latino-americanos de demonstrado interesse estratégico e econômico? Alternativamente, eles mudaram o curso de suas políticas externas anteriores em relação à América Latina? Não só a nossa concentração na América Latina é justificada em função dos interesses econômicos locais arraigados da China e dos Estados Unidos na região, mas também por causa da prevalência surpreendente da COVID-19 na América Latina durante o terceiro trimestre. No próximo bloco, fornecemos os detalhes de apoio dessa reivindicação. Depois disso, apresentamos os dados que informam nossas avaliações descritivas preliminares primárias do envolvimento da China e dos Estados Unidos na região, tanto antes quanto durante o auge da primeira onda da pandemia da COVID-19. Esta análise nos fornece o que está entre as primeiras tentativas de avaliar quantitativamente a postura dessas duas grandes potências na região, à luz da pandemia em andamento (no momento em que este artigo foi escrito). Para uma prévia, aprendemos que tanto a China quanto os Estados Unidos mudaram os destinatários de sua assistência econômica durante a primeira onda da pandemia. Mais especificamente, os principais beneficiários anteriores nos domínios do comércio, empréstimos e assistência financeira não eram, para nenhum dos países, o foco principal durante a primeira onda da pandemia. Em nosso bloco final, fornecemos uma discussão de nossas descobertas e identificamos as várias implicações de nossas avaliações para pesquisas futuras.

América Latina: Um Epicentro da COVID-19

Relatórios da mídia identificaram a América Latina como a região do planeta mais atingida pela primeira onda da pandemia do coronavírus de 2019-2020.¹⁶ Até 31 de agosto de 2020, o Brasil registrava o segundo maior número de casos do mundo, com 3.908.272 infectados.¹⁷ O Brasil era seguido na América Latina pelo Peru e pelo México, com 647.166 e 595.841 casos respectivamente.¹⁸ Em termos

de classificação global, Peru e México estavam em sexto e sétimo lugares. Esses dados são particularmente notáveis, considerando que o Peru está classificado em quadragésimo terceiro na população total e o México em décimo.¹⁹ A Figura 1 abaixo documenta como outros países da região se comparavam aos de pior desempenho, no auge da primeira onda.

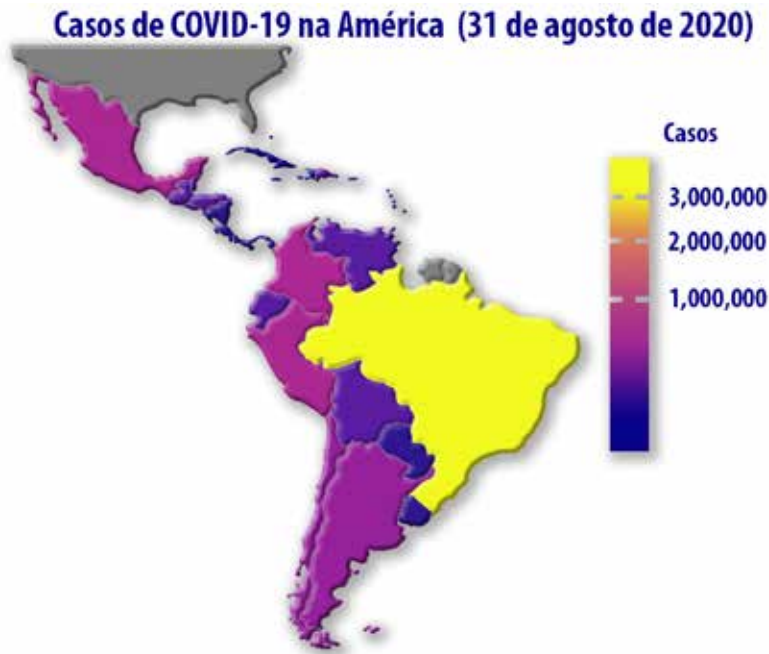


Figura 1. Casos de COVID-19 na América Latina (31 de agosto de 2020)

A Figura 1 confirma que no auge da primeira onda da pandemia, o Brasil supera seus vizinhos e muitos dos que documentaram casos na faixa de 75.000 a 600.000. Poucos países, como Uruguai e Nicarágua, permaneceram com menos de 5.000 casos totais. Embora a pesquisa acadêmica sobre o assunto permaneça escassa, relatos da mídia popular atribuíram a exposição comparativamente grande da região ao vírus a condições de vida precárias em áreas com altas taxas de pobreza.²⁰ A baixa capacidade do estado e os serviços de saúde pública de má qualidade na região, sem dúvida, exacerbaram a gravidade da crise durante a primeira onda.²¹ Portanto, a China e os Estados Unidos tiveram uma oportunidade única de consolidar ainda mais seus interesses estratégicos na região por meio da prestação de assistência financeira. Essas grandes potências aproveitaram o momento? E, em caso afirmativo, como?

Hipóteses, dados e design da pesquisa

Embora, como afirmado anteriormente, a literatura acadêmica sobre o assunto seja escassa, a literatura relacionada a eventos históricos nos fornece uma base para informar as expectativas aplicáveis ao contexto da pandemia da COVID-19. Por exemplo, durante a epidemia de Zika de 2016 na América Latina, a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional e o Departamento de Estado prometeram conjuntamente US\$385 milhões para a América Latina e o Caribe para apoio na contenção e combate à propagação do vírus.²² A resposta foi, em parte, um esforço para conter a propagação do vírus Zika. No entanto, também foi entendido como destinado a aumentar a influência dos Estados Unidos na região. Assim, a dinâmica em torno da epidemia de Zika em 2016 destaca a maneira como as potências globais aproveitam as oportunidades induzidas pela crise para estender sua influência. Com base nisso, prevemos descobrir que tanto a China quanto os Estados Unidos terão aproveitado a pandemia da COVID-19, especialmente durante o auge da primeira onda, para fortalecer ainda mais seus interesses estratégicos na região com alavancas econômicas.

Para testar isso, usamos dados de uma variedade de fontes, incluindo o Wilson Center,²³ O Banco Mundial,²⁴ o Diálogo Interamericano²⁵ e o site de Assistência Externa dos Estados Unidos.²⁶ Especificamente, coletamos dados sobre equipamentos médicos e tratamento, bem como assistência monetária transferida para países latino-americanos individuais dos Estados Unidos e China do projeto “Ajuda da China e dos Estados Unidos para a América Latina em meio à crise da COVID-19” do Wilson Center. A partir do software “*World Integrated Trade Solution*” do Banco Mundial, reunimos estatísticas sobre o comércio na América Latina. O “Banco de dados de finanças da China Latino-América” do Diálogo Interamericano fornece dados sobre os empréstimos chineses à América Latina, e contamos com o site de Assistência Externa dos Estados Unidos para obter informações sobre todos os esforços de assistência dos Estados Unidos à região. Combinamos esses dados em uma série de gráficos descritivos para lançar uma luz preliminar sobre a competição entre as grandes potências na região da América Latina atormentada pela primeira onda da COVID-19.

Resultados

A China e os Estados Unidos aproveitaram o momento na América Latina?

Os gráficos abaixo documentam a quantidade de ajuda para o combate ao coronavírus doada a países da América Latina e do Caribe, durante a primeira onda, pela

China e pelos Estados Unidos. Usando dados brutos do Wilson Center, a Figura 2 mostra a quantidade de suprimentos médicos doados aos países da América Latina, com o vermelho representando a assistência chinesa e o azul representando a assistência americana. A Figura 3 documenta e compara o valor monetário total da assistência à pandemia concedida a todos os países da América Latina e do Caribe incluídos no estudo do Wilson Center. Calculamos os valores monetários totais desta assistência adicionando ao total das doações monetárias o valor total dos suprimentos médicos doados. Isso nos permite comparar dólares a dólares em vez de ventiladores a luvas cirúrgicas ou máscaras a especialistas médicos e fornecer uma visão de quanto encargo financeiro os Estados Unidos e a China estavam dispostos a assumir para muitos países da América Latina e do Caribe durante o auge da primeira onda da pandemia.

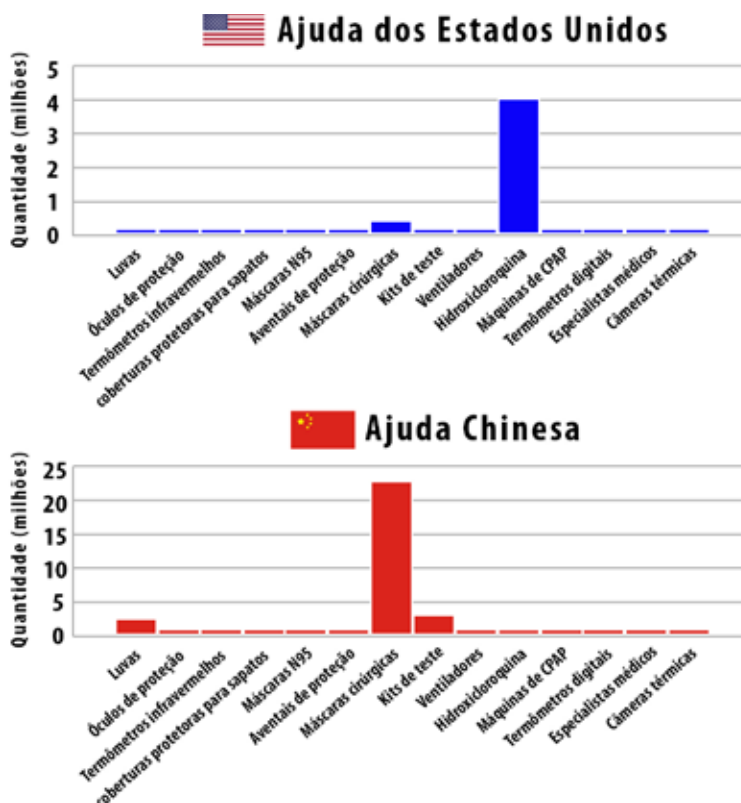


Figura 2. Ajuda material americana e chinesa aos países da América Latina durante a pandemia do coronavírus de 2019-2020 (excluindo dinheiro)

Fonte: Autor



Figura 3. Valor total da assistência financeira coronavírus concedida à América Latina pelos Estados Unidos e China

Fonte: Autor

As Figuras 2 e 3 confirmam que tanto a China quanto os Estados Unidos forneceram assistência monetária, material e outras formas de assistência médica aos países latino-americanos e do Caribe durante o pico da primeira onda da pandemia. Em termos de equipamentos e tratamentos médicos, as duas grandes potências concentraram sua assistência em formas únicas: a China concentrou seus esforços no fornecimento de máscaras cirúrgicas para países latino-americanos, enquanto os Estados Unidos se concentraram em fornecer tratamentos com hidroxicloraquina. Em termos de assistência monetária, as duas grandes potências estão direcionando sua ajuda de maneira restrita, com a China privilegiando o Equador em relação a outros países da região e com os Estados Unidos apoiando o Haiti, mas mantendo uma abordagem mais equilibrada do que a China. Apesar de suas abordagens diferentes, ambos estão indiscutivelmente trabalhando para aproveitar o momento. Se eles estão alavancando esta crise para promover interesses estratégicos de longo prazo na região não está claro e é outro tópico que abordaremos a seguir.

A China e os Estados Unidos estão fornecendo apoio contínuo aos países latino-americanos de interesse estratégico e econômico anterior para eles?

Para entender se os padrões de assistência chinesa e americana à pandemia na América Latina e Caribe são excepcionais ou se baseiam em estratégias de longo prazo, comparamos os padrões anteriores de comércio, empréstimos e assistência entre essas grandes potências e os países latino-americanos e do Caribe com iniciativas de assistência à pandemia. Para facilitar a interpretação das comparações

entre diferentes tipos de vínculos econômicos e assistência financeira, consideramos as porcentagens de distribuição intrarregionais em oposição aos valores monetários brutos. Nas Figuras 4 e 5, usamos dados do Wilson Center e do Banco Mundial para comparar as porcentagens de distribuição do comércio da China e dos Estados Unidos em 2018 com cada um dos países latino-americanos em relação ao comércio com toda a região com as porcentagens de distribuição contemporâneas da assistência ao combate contra o novo coronavírus dada aos países da América Latina e do Caribe. Nas Figuras 6 e 7, comparamos as porcentagens de distribuição intrarregionais de investimentos chineses (empréstimos) e assistência dos Estados Unidos (doações) com as mesmas porcentagens distributivas contemporâneas para o combate ao coronavírus das Figuras 4 e 5. Essas Figuras refletem dados do Wilson Center, do Diálogo Interamericano e do site oficial de Assistência Externa dos Estados Unidos.

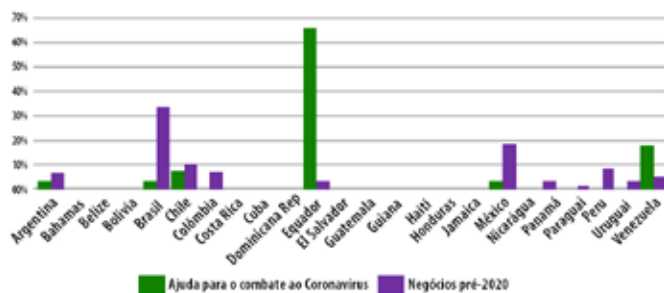


Figura 4. Porcentagem do comércio chinês pré-2020 vs. ajuda contra a pandemia do novo coronavírus para países da América Latina e do Caribe

Fonte: Autor

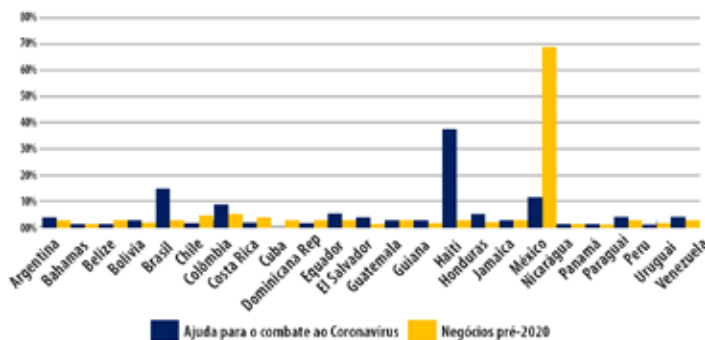


Figura 5. Porcentagem do comércio dos Estados Unidos pré-2020 vs. ajuda contra a pandemia do novo coronavírus para países latino-americanos e do Caribe

Fonte: Autor

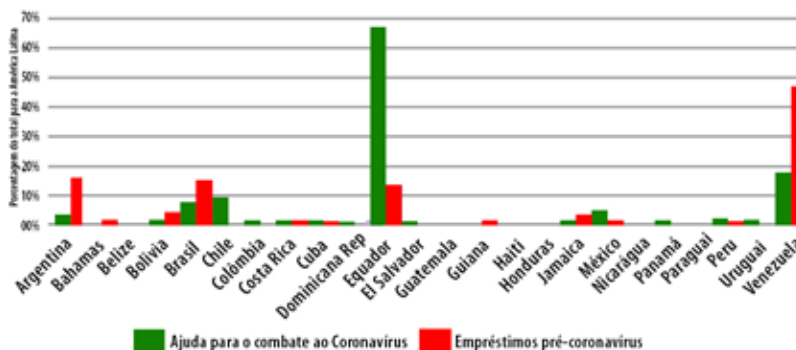


Figura 6. Porcentagem de empréstimos chineses pré-coronavírus vs. ajuda ao combate à pandemia do novo coronavírus para países latino-americanos e do Caribe

Fonte: Autor

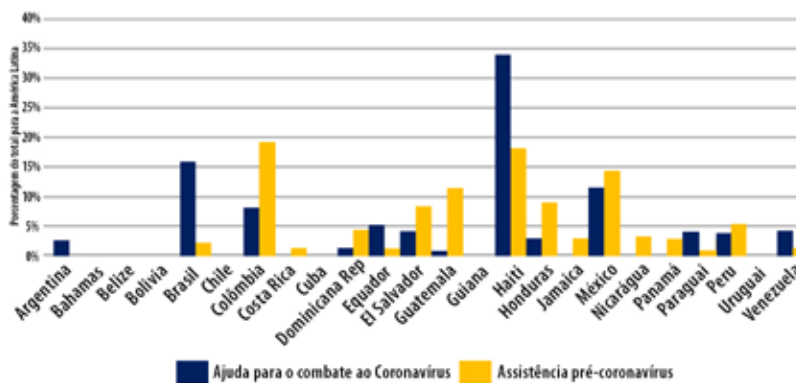


Figura 7. Porcentagem de assistência pré-coronavírus dos Estados Unidos vs. ajuda ao combate à pandemia do novo coronavírus para países latino-americanos e do Caribe

Fonte: Autor

Em suma, as Figuras 4 a 7 mostram que, independentemente do “interesse estratégico” anterior, tanto a China quanto os Estados Unidos aproveitaram o estágio inicial da crise para revisar suas políticas externas anteriores e para mudar suas prioridades. Por exemplo, a China forneceu significativamente mais assistência ao Equador e à Venezuela durante a primeira onda da pandemia do coronavírus do que aos seus três principais parceiros comerciais (Brasil, Chile e México). O Equador também se destaca como um dos beneficiários da pandemia mais proeminentes da China quando consideramos os interesses estratégicos pré-pandêmicos da China em termos de empréstimos, em oposição ao comércio. A China está fornecendo uma proporção notavelmente maior de ajuda em emprés-

timos ao Equador durante a pandemia do que antes do início da pandemia. Os Estados Unidos, por outro lado, forneceram significativamente mais ajuda ao Haiti e ao Brasil, principalmente, em comparação com seu maior parceiro comercial, o México. Os Estados Unidos também estão divergindo das tendências anteriores de fornecer assistência externa a um grupo relativamente amplo de países da região (incluindo Colômbia, Guatemala, Haiti, México, etc.) por mais do que dobrar sua ajuda financeira dada ao Haiti durante a pandemia em comparação com assistência pré-pandêmica. Para colocar isso em perspectiva, o Haiti recebeu 17,85% do total da assistência dos Estados Unidos antes da pandemia. Atualmente, recebe 37,57 % do total da ajuda contra o coronavírus concedida à região pelos Estados Unidos.

Discussão e caminhos a seguir

Embora nossas avaliações preliminares confirmem que tanto a China quanto os Estados Unidos tiraram proveito da primeira onda da pandemia do coronavírus de 2019–2020 para afirmar sua presença e refinar sua estratégia na região latino-americana, eles silenciam sobre as motivações subjacentes às mudanças estratégicas. Em outras palavras, ainda não está claro por que os Estados Unidos e a China visaram países específicos da região em vez de outros como beneficiários da assistência. Uma inspeção dos dados sugere que motivos humanitários provavelmente não foram a razão. Margaret Myers, do Diálogo Interamericano, fundamenta essa posição no caso da China, especificamente, afirmando: “Isso é motivado não por um interesse na assistência humanitária, que pode certamente fazer parte dela, mas também por essa necessidade muito clara por parte da China para garantir que sua imagem permaneça intacta”.²⁷ Em consonância com Myers, suspeitamos que os motivos estratégicos recém-descobertos de ambos os países fundamentam os padrões contemporâneos de assistência das grandes potências prestada à região da América Latina. Pesquisas futuras seriam úteis para investigar esses motivos mais profundamente.

Além de continuar a sondar a assistência chinesa e americana nas formas estudadas neste documento, acadêmicos, formuladores de políticas e profissionais também devem voltar sua atenção para a dinâmica em torno do acesso e distribuição da vacina. Em julho de 2020 a China ofereceu um empréstimo de US\$1 bilhão à América Latina e Caribe para acesso a sua vacina contra a COVID-19.²⁸ Em geral, a recepção deste empréstimo pela América Latina, durante a primeira onda da pandemia, foi amplamente positiva, com o presidente mexicano Andrés Manuel López Obrador afirmando: “Estamos muito gratos à China e ao governo chinês”. E o presidente argentino, Alberto Fernández, escrevendo uma carta de agradecimento à China e afirmando sua crença de que seus laços serão fortaleci-

dos.²⁹ Com o início da segunda onda da pandemia na América Latina, o Almirante Craig S. Faller, Comandante do Comando Sul dos Estados Unidos, reconhece as vantagens regionais contínuas da China no domínio da diplomacia de vacinas.³⁰ Pesquisas de opinião pública futuras forneceriam insights importantes sobre os efeitos posteriores da diplomacia de vacinas em curso da China na região da América Latina e o efeito nos sentimentos públicos latino-americanos de afeto para com a China e o interesse latino-americano na futura cooperação China--América Latina

Se o sentimento de otimismo de Fernández em relação ao futuro das relações sino-latino-americanas for verdadeiro em toda a região, as consequências para a segurança dos Estados Unidos podem ser graves. A principal preocupação é que a cooperação China-América Latina e a alavancagem baseada na dívida chinesa sobre certos países (como Venezuela e Equador) possam ajudar ainda mais a economia em rápido crescimento da China, fornecendo-lhe os insumos para potencialmente superar a economia dos Estados Unidos em uma década.³¹

Uma preocupação de segurança mais direta é que a maior presença da China e o crescente *soft power* na América Latina decorrente da crise do coronavírus podem ajudar ainda mais alguns dos principais projetos financeiros da China na região (por exemplo, a instalação de redes de infraestrutura de TI pela Huawei, empresa estatal de telecomunicações da China). Isso sem dúvida constituiria uma vulnerabilidade imediata para os Estados Unidos. O Almirante Craig Faller, explica: “Com projetos de telecomunicações em 16 países na América do Sul, a Huawei e a ZTE fornecem a espinha dorsal dos sistemas de comunicação comercial e governamental, fornecendo uma porta dos fundos para o governo chinês monitorar ou interceptar informações oficiais que compartilhamos com nossos parceiros”.³² As incursões da tecnologia de telecomunicações e vigilância chinesas na América Latina são inerentemente contrárias ao objetivo dos Estados Unidos de preservar o estado de direito democrático na região.³³

Entre uma ampla gama de outras preocupações de segurança, a expansão da presença da China na América Latina teve, e continuará a ter, implicações na competição espacial. Nos últimos anos, a China investiu no desenvolvimento de instalações espaciais na região da América Latina.³⁴ A antena e a estação espacial de 16 andares na região da Patagônia argentina administrada pela China traz claras preocupações sobre a vigilância chinesa das operações espaciais dos Estados Unidos baseadas no hemisfério ocidental.³⁵ Faller avisa: “se você ganha o controle do espaço, você ganha o controle da TI, você ganha o controle de acesso ao portal e você tem vantagem e informações.”³⁶ Tudo isso representa barreiras ao interesse vital dos Estados Unidos de “acesso irrestrito e liberdade de operar no espaço”.³⁷ O fortalecimento das relações entre a China e os países latino-americanos por

meio da assistência à pandemia pode garantir a continuidade da cooperação neste domínio. Por essas razões, é imperativo que os Estados Unidos continuem a contrabalançar a China em suas relações comerciais e prestação de assistência, enquanto exploram outras estratégias para manter a influência regional.

Tanto a China quanto os Estados Unidos estão aproveitando o momento para assegurar a influência econômica e promover seus objetivos de segurança na região da América Latina. Atualmente, as implicações de suas estratégias permanecem obscuras, mas o crescimento contínuo da China na região se mostra preocupante. Enquanto os Estados Unidos continuam a lutar para lidar com a pandemia em casa, não devem esquecer seus vizinhos do sul. As implicações de longo prazo da negligência podem se provar caras estrategicamente e economicamente. □

Notas

1. EUA, *The National Security Strategy of the United States of America* (Washington, DC: Presidência dos EUA, 2018), 1.
2. Matthew P. Goodman, “Predatory Economics and the China Challenge,” *Center for Strategic and International Studies*, 29 de setembro 2020, <https://www.csis.org/analysis/predatory-economics-and-china-challenge>.
3. Ibid.
4. Barbara Kotschwar, “China’s Economic Influence in Latin America,” *Asian Economic Policy Review* 9 (Julho de 2014): 202, doi:10.1111/aepr.12062.
5. Mark P. Sullivan and Thomas Lum, *China’s Engagement with Latin America and the Caribbean*, Research Report no. IF10982 (Washington, DC: Congressional Research Service, 2020), 1.
6. Kevin P. Gallagher and Margaret Myers, “China-Latin America Finance Database,” *Inter-American Dialogue*, 2020, https://www.thedialogue.org/map_list/.
7. Mark P. Sullivan, *Latin America and the Caribbean: U.S. Policy Overview*, Research Report no. IF10460 (Washington, DC: Congressional Research Service, 2020), 1.
8. Douglas Farah e Kathryn Babineau, “Extra-regional Actors in Latin America,” *PRISM* 8, no. 1 (2019): 97, <https://www.jstor.org/stable/26597313>.
9. World Integrated Trade Solution, “Latin America and Caribbean Trade,” (Washington, DC: The World Bank, 2020), <https://wits.worldbank.org/countrysnapshot/en/LCN>.
10. Ibid.
11. R. Evan Ellis, “America’s Strategy for Latin America and the Caribbean,” *Air & Space Power Journal—Africa and Francophonie* 8, no. 2 (30 Trimestre de 2017): 10.
12. Ilan Kelman, “Acting on Disaster Diplomacy,” *Journal of International Affairs* 59, no. 2 (20/30 Trimestres de 2006): 216, <https://www.jstor.org/stable/24358434>.
13. Ibid., 215
14. Center for Systems Science and Engineering, “COVID-19 Dashboard,” Johns Hopkins University & Medicine, 2020, <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>.

15. Matt Rivers, “Pandemic Power Play: It’s China vs. the US in Latin America,” CNN.com, 15 de Agosto de 2020, <https://www.cnn.com/2020/08/15/americas/latam-china-us-covid-diplomacy-intl/index.html>.
16. Azam Ahmed, Anatoly Kurmanav, Daniel Politi and Ernesto Londoño, “Virus Gains Steam Across Latin America,” *New York Times*, 23 de junho de 2020, <https://www.nytimes.com/2020/06/23/world/americas/coronavirus-brazil-mexico-peru-chile-uruguay.html>.
17. Center for Systems Science and Engineering, “COVID-19 Dashboard.”
18. Ibid.
19. World Bank Group, “Population,” The World Bank, 2020, https://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL?most_recent_value_desc=true&view=chart.
20. Ahmed et al., “Virus Gains Steam.”
21. Ligia Bahia e Miguel Lago, “Why Latin America’s Hospitals Are So Vulnerable to Coronavirus,” *Americas Quarterly*, 11 de março de 2020, <https://www.americasquarterly.org/article/why-latin-americas-hospitals-are-so-vulnerable-to-coronavirus/>.
22. David B. Gootnick, *Emergency Assistance for Zika*, Research Report no. GAO-19-356 (Washington, DC: U.S. Government Accountability Office, 2020), 9.
23. The Latin America Program, “Aid from China and the U.S. to Latin America Amid the COVID-19 Crisis,” The Wilson Center, 2020, <https://www.wilsoncenter.org/aid-china-and-us-latin-america-amid-covid-19-crisis>.
24. World Integrated Trade Solution, “Latin America and Caribbean.”
25. Gallagher and Myers, “China-Latin America Finance.”
26. Worldwide Financial Assistance,” ForeignAssistance.gov, (2020), <https://www.foreignassistance.gov/explore>.
27. Rivers, “Pandemic Power Play.”
28. Karol Suarez, “China Offers \$1 Billion Loan to Latin America and the Caribbean for Access to its Covid-19 Vaccine,” CNN.com, 24 de julho de 2020, <https://edition.cnn.com/2020/07/23/americas/china-billion-vaccine-latin-america-coronavirus-intl/index.html>.
29. Ibid.
30. Rosenberg, Carol, “China Poised to Be First to Distribute Virus Vaccine in Latin America, U.S. Official Says,” *Nytimes.com*, 2 de dezembro de 2020, <https://www.nytimes.com/2020/12/02/us/politics/coronavirus-southern-command-china-latin-america.html>
31. Varun Roby, “China’s Growing Influence in Latin America,” (A crescente influência da China na América Latina), *American Journal of Economics and Sociology* 79, no. 1 (January 2020): 233, doi:10.1111/ajes.12316.
32. Adm Craig S. Faller, “Posture Statement of Admiral Craig S. Faller, Comandante, Comando Sul dos Estados Unidos, perante o 116º Congresso, Comitê das Forças Armadas do Senado,” 30 de janeiro de 2020, https://www.southcom.mil/Portals/7/Documents/Posture%20Statements/SASC%20SOUTHCOM%20Posture%20Statement_FINAL.pdf?ver=2020-01-30-081357-560.
33. EUA, *National Security Strategy*, 4.
34. Christopher Woody, “4 Ways China Is Gaining Ground in Latin America, According to the US’s Top Military Commander in the Region,” (Quatro maneiras pelas quais a China está ganhando território na América Latina, segundo o principal comandante dos Estados Unidos na região), *Business Insider*, 18 de dezembro de 2018, <https://www.businessinsider.com/southcom-4-ways-china-is-growing-influence-in-latin-america-2019-12>.

35. Ibid.

36. Ibid.

37. United States, *National Security Strategy*, 31.



O Cadete James Landy
Academia da Força Aérea dos Estados Unidos

É aluno da Academia da Força Aérea dos Estados Unidos. Ele está se formando em ciências políticas e estudos na área estrangeira, com ênfase em política latino-americana, e está fazendo um curso de graduação em espanhol. O Cadete Landy estuda a influência americana e o significado estratégico dos laços entre as potências mundiais e a região latino-americana, com um enfoque mais amplo no papel entre os governos latino-americanos e seus militares.



Dra. Kelly Senters Piazza, PhD
Academia da Força Aérea dos Estados Unidos

É professora assistente da Academia da Força Aérea dos Estados Unidos. Ela estuda democratização, corrupção, descentralização, saúde pública e política de gênero na América Latina e publicou sobre esses temas em veículos como *Desenvolvimento Mundial*, *Política e Sociedade Latino-Americanas* e o *Manual de Política Brasileira*.